

SEBASTIÃO UCHOA LEITE

Teoria do ócio

Conscience signifie mémoire
(Bergson)

I

Entre os rios desta praça
fincada no centro do mundo como uma árvore,
entre o tempo e a qualidade
passa o meu ócio figurativo.

Numa praça
dispersa, alienada e sem raízes.
Para que serves, liberto de tuas prisões,
roendo a corda do nada
nessa incidência fluvial,
ócio prodigioso e sem mistério?
Interrogo-te numa cisma
em que te configuras.

Liberdade de estirar uma perna
por cima das coisas calvas, dos afetos e das razões vitais
Liberdade de sorrir sem razão
deliciado das coisas finitas
entre as ficções do intelecto.
Saindo para alguma coisa ou saindo para nada
pisando as sempiternas fôlhas sêcas
de nosso, outono fingido,
Abril e maio são teus ensaios prediletos
entre a paixão dialética e a razão pura.

Para que serves senão indagar
a essência da poesia ou a essência da pulha
se são a mesma coisa?
Como distinguir no tempo as ficções do ser?
Para que serves senão finalidade inútil
florescimento estético ou metafísico sem memória.
Enquanto risco as carteiras,
escrevo nas pedras com matéria porosa,
divulgo aos quatro ventos a minha estultícia
e analiso a minha inércia,
o meu pensamento se recorda e recomeça

II

Quantas figurações colho em meu dia?
 Atravessando a ponte e desembocando na foz
 de outro rio mais gorduroso,
 alí vou eu: vista aérea a vôo de pássaro,
 ponto erradio em cinza e creme
 de Boa Vista até Santo António.
 Alí vou eu: objeto de minha razão
 deleite de minha fantasia ociosa,
 outro mito criado pela arte.
 Existe, é certo, uma paixão inútil:
 Os ardentes amam a feiura
 mas outros só podem amar a crueldade.
 Um salto na memória
 cria outro tempo interno e me recria.
 Liberdade funda reflexão:
 uma linha rígida demarca o perfil
 e o enovela
 como a serpente de Piero de Cosimo.

III

Deveria pensar nas coisas efêmeras.
 Incorporo o poste e incorporo a luz
 mas a vida permanece opaca.
 Às vêzes um braço, às vêzes uma perna ou uma nuca
 podem ser mais luminosos
 que o próprio fulcro solar.
 O tumulto da vida não enquadriaria
 uma nota serena e reflexiva.
 O concerto universal não é grave
 pois o agir é frivolidade.
 Apenas como advertência
 as fanfarras dos instrumentos de sôpro
 celebram a aleluia do crime
 Praças e avenidas se refletem no flúido
 numa contemplação necessária
 Coração do ser pulsando em movimento,
 só em pensar permanece imóvel:
 o espírito cria imobilidade.
 A água não se recorda de si mesma,
 reflete sem memória, não há tempo
 mas ato puro, eterno presente.

Mas nós pendemos para a frente ou para um lado,
 forçamos porte e dignidade
 e curvamos-nos para apanhar uma ponta de cigarro.
 Assobiamos uma fuga de Bach
 e sorrimos ante a lembrança do futuro

porque sorrimos ante a idéia da morte.
Bela é a fúria da máquina
que intenta apanhar-nos em nosso destino.
Um epitáfio ou um lema deveria inscrever-se
em nossas lápides:
"Viver de ócio e iniquidade
e morrer da morte mais equívoca".

